



II Simpósio Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais Aplicadas

22 a 24 de novembro de 2017



GT: 3 QUESTÕES HISTÓRICAS E SOCIOCULTURAIS DA CIDADANIA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

A COMUNICAÇÃO CONTRA O RACISMO NAS ESCOLAS

Tales Leon Biazão Sanches (Universidade Estadual de Londrina); Email: taleslbs@gmail.com
Anna Paula Prado Pereira (Universidade Estadual de Londrina); Email: aannaprado@gmail.com
Daniel de Oliveira Figueiredo (Universidade Estadual de Londrina); Email: daniel.of.uel@gmail.com

RESUMO: Este artigo é fruto de um trabalho de conclusão de curso e tem como objetivo elucidar o papel da comunicação como ferramenta para a interferência na realidade racista, a fim de diminuir os preconceitos e estereótipos estéticos presentes em nossa sociedade. Para o alcance do objetivo, foi proposto uma oficina pedagógica que utilizou como estímulo para o diálogo, o documentário ‘Desconstruindo’ que fala sobre a auto-aceitação do negro. A oficina teve como público os alunos do Colégio Estadual de Londrina, Albino Feijó Sanches. A metodologia que serviu de base para a execução desta atividade foi a pesquisa-ação e participante. Como parte complementar foi desenvolvido uma campanha de comunicação, a fim de conscientizar os alunos e professores das escolas da rede pública estadual de Londrina e divulgar o trabalho realizado na escola. Os resultados elucidam a participação do comunicador na articulação entre os públicos, além de possibilitar a emancipação dos grupos atingidos. Logo, acreditamos que a discussão sobre o racismo ainda é extremamente necessária em nossa sociedade e as áreas da comunicação podem e devem interferir em assuntos como este, por meio da informação auxiliando assim na formação de cidadãos críticos, livres e cientes do seu papel na sociedade.

Palavras chave: Racismo; Comunicação Social; Relações Públicas; Escola.

1 INTRODUÇÃO

Após 400 anos de um regime escravista, o povo preto pode se libertar das correntes e se tornar cidadão brasileiro. Porém, essa mudança legal não surtiu o efeito que se esperava, o povo preto se tornou, então, escravo da desigualdade social. Para a elite brasileira o negro ainda era algo e não alguém, não existia espaço para o ex-escravo no contexto social. O negro não podia trabalhar, não podia estudar, não podia ter acesso à saúde, não podia ser brasileiro. Formulou-se a máxima que quanto menos preto melhor trabalhador seria (SANTOS, 1981).

Se assemelhar ao não-preto passou a ser uma saída para a desigualdade que a população ex-escrava sofria. Essa, portanto, passa a aderir aos conceitos estéticos e culturais do povo que colonizou o país. Esse processo se intensifica com o desenvolvimento da



II Simpósio Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais Aplicadas

22 a 24 de novembro de 2017



sociedade capitalista e do espírito de consumo, consolidando o racismo no mundo. Essa diferença entre grupos étnicos e diferenças estéticas passa a ser ferramenta primordial para a vitória dos grupos melhores posicionados.

Devido a esta realidade histórica de exploração do povo de pele escura, o Brasil ainda hoje é um país extremamente racista. Um bom exemplo do reflexo racista na sociedade brasileira pode ser identificado nas instituições de ensino (local de desenvolvimento do trabalho), onde o material didático não representa o negro como personagem protagonista em suas ilustrações e conteúdo científico. Ao não ser representada, essa população é excluída e passa a buscar o padrão estético e cultural hegemônico.

Por meio da comunicação alternativa, o trabalho buscou interferir na realidade racista e na consciência presente na sociedade, tentando diminuir os preconceitos e estereótipos estéticos presentes no consciente coletivo. Dentre as categorias de comunicação, o trabalho dialoga sobre a Comunicação Comunitária, que desenvolve papel importante na democratização da informação, e a Comunicação Pública que busca concretizar os direitos e a cidadania na esfera pública articulando os posicionamentos, ideologias e reivindicações para uma sociedade mais igualitária, tendo como elemento inicial a opinião pública a qual deve gerar uma tensão mobilizadora modificando a realidade.

Fortalecer a concepção do comunicador como facilitador do diálogo entre os diversos segmentos sociais vem ao encontro do objetivo deste trabalho que é interferir na realidade racista presente na sociedade, tornando a sociedade mais participativa fazendo com que ela reivindique mudanças na estrutura social, e articule ações para uma sociedade melhor.

2 O RELAÇÕES PÚBLICAS COMO ARTICULADOR DA COMUNICAÇÃO ANTI-HEGEMÔNICA

A atuação profissional do Relações Públicas sempre esteve voltada para os interesses privados, devido a sua constituição histórica em meio ao capital. A profissão evoluiu e seu núcleo de desenvolvimento acontece dentre às grandes corporações americanas que passam a dar importância à profissão na intenção de diminuir os conflitos e harmonizar os confrontos que passavam a se tornar frequentes em uma sociedade em clara evolução, intelectual e cultural.

As Relações Públicas, dentro do processo da ação comunicativa, “criam um processo político-pedagógico engajado e optam claramente pela libertação do homem, do indivíduo na sociedade” (VIEIRA, 2002, p.40). É neste momento em que o profissional de relações públicas deve se destacar indo em sentido contrário ao paradigma hegemônico da profissão.

A serviço da dominação ou trabalhando na contramão, a verdade é que as Relações Públicas podem se valer de recursos inimagináveis para a criação de novas linguagens. Cada instituição com a mensagem ou meio que lhe convém para difundir-la. Observar este universo simbólico, decodificar intenções, comparar propósitos que se apresentam diversamente no nível de interesses é um exercício que permite compreender as próprias mudanças sociais (VIEIRA, 2002, p.42).



II Simpósio Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais Aplicadas

22 a 24 de novembro de 2017



O comunicador, portanto, precisa buscar maneiras emergentes de atuação profissional e se colocar como um dos responsáveis pela mudança social e utilizar da comunicação para alcançar as mudanças necessárias.

2.1 Comunicação Comunitária e Comunicação Pública como forma Anti-Hegemônica de Diálogo

A comunicação comunitária atualmente é vista como definição genérica de um canal anti-hegemônico de diálogo, assim como coloca Peruzzo:

[...] a comunicação comunitária – que por vezes é denominada popular, alternativa ou participativa – se caracteriza por processos de comunicação baseados em princípios públicos, como não ter fins lucrativos, propiciar a participação ativa da população, ter – preferencialmente – propriedade coletiva e difundir conteúdos com a finalidade de desenvolver a educação, a cultura e ampliar a cidadania. Engloba os meios tecnológicos e outras modalidades de canais de expressão sob controle de associações comunitárias, movimentos e organizações sociais sem fins lucrativos. Por meio dela, em última instância, realiza-se o direito de comunicar ao garantir o acesso aos canais de comunicação. Trata-se não apenas do direito do cidadão à informação, enquanto receptor – tão presente quando se fala em grande mídia –, mas do direito ao acesso aos meios de comunicação na condição de produtor e difusor de conteúdos. (2009, p. 375 - 376)

Muitas vezes a este tipo de comunicação é vista como fixa geograficamente a um público ou a um espaço determinado, devido ao nome estar associado a comunidade, porém, assim como afirma Peruzzo (2009, p. 376), “a comunidade se funda em identidades, ação conjugada, reciprocidade de interesses, cooperação, sentimento de pertença, vínculos duradouros e relações estreitas entre seus membros”, portanto, não é necessário que a comunicação comunitária esteja vinculada necessariamente a um espaço físico, mas sim com vinculação ideológica entre os partícipes.

Outra vertente de comunicação com a qual o Relações Públicas trabalha é a Comunicação Pública que, assim como as demais modalidades de comunicação, necessita, obrigatoriamente, de um EMISSOR, de uma MENSAGEM, que será transmitido a um RECEPTOR, por meio de um CANAL, que deve apresentar um CÓDIGO conhecido pelos dois pólos deste diálogo. Porém, a comunicação pública segundo Brandão (2003), irá, pela sua especificidade, relacionar, em como emissores e receptores, a sociedade civil, o estado e, também, o governo (visto aqui governo como passageiro, de acordo com o sistema democrático de cada sociedade), criando um espaço de negociação o qual deve estar diretamente relacionado ao bem social, abstraindo as intenções puramente privadas em prol da pública.

Para que este tipo de comunicação seja concretizada é necessário que o “receptor”, abdique da exclusividade deste papel e passe a ser emissor, ‘problematizador’, produtor e disseminador, é preciso que este passe a exercer o seu papel de cidadão, assim como elucida



II Simpósio Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais Aplicadas

22 a 24 de novembro de 2017



Monteiro (2007, p.41): “Na comunicação pública, o RECEPTOR, é a um só tempo: cliente, consumidor, contribuinte, eleitor, voluntário, em suma: cidadão”. Para que esta participação seja efetivada é necessário que a informação que o Estado detém seja disponibilizada de forma transparente aos cidadãos, o que irá depender dos governantes e suas perspectivas ideológicas em prol ou não do cidadão. Portanto, a partir da perspectiva que foi definida para o presente trabalho, o governo deve:

[...] responder à obrigação que as instituições têm de informar o público; estabelecer uma relação de forma a permitir a prestação de serviço público; apresentar e promover os serviços da administração; tornar conhecidas as instituições (comunicação externa e interna); divulgar ações de comunicação cívica e de interesse geral; e integrar o processo decisório que acompanha a prática política (MONTEIRO, 2007, p.39).

A comunicação pública em conjunto com um meio e comunicação alternativo, a partir da utilização da comunicação comunitária, é o que fará com que a cidadania se efetive, é dentro da esfera pública (ou das esferas públicas). É por meio destas modalidades de comunicação que o cidadão deve articular posicionamentos, ideologias e reivindicações para o bem social. Estas duas maneiras de se comunicar são otimizadas quando se tem a presença de um profissional de comunicação. Este profissional terá a função de balancear os interesses privados para que seja possível alcançar o verdadeiro interesse público que é o principal intuito da comunicação em prol das classes populares.

3 METODOLOGIA

3.1 Pesquisa Ação e Pesquisa Participante

Em busca do objetivo do presente trabalho foram utilizadas dois tipos de pesquisa associados que são a Pesquisa-ação e a Pesquisa Participante. Estas duas modalidades de pesquisas surgem em meio ao crescimento dos movimentos sociais como metodologia de pesquisa alternativa e serão abordadas como forma de pesquisa a ser aplicada em variados âmbitos de estudo.

A Pesquisa Participante procura auxiliar, professores, acadêmicos, cientistas a se envolverem na simplicidade e trabalharem no sentido de suas próprias descobertas, pesquisas e estudos que se voltem para as classes populares. Especificamente em grupos populares a pesquisa tem objetivo de oferecer entendimento de seus problemas para que eles (grupos populares) possam perceber a situação e criar alternativas para os seus interesses. Envolvendo os grupos como sujeitos do conhecimento. Para Carlos Rodrigues Brandão (1999, p.9-10) a pesquisa participante é uma modalidade nova de conhecimento coletivo que é realizado “a partir de um trabalho, que recria, de dentro para fora, formas concretas dessas gentes, grupos e classes participarem do direito e do poder de pensarem, produzirem e dirigirem os usos de seu saber a respeito de si próprio.”

Já a pesquisa-ação é possível ser definida pelo fato de que os pesquisadores não



II Simpósio Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais Aplicadas

22 a 24 de novembro de 2017



apenas coletam dados e criam relatórios, eles também interferem na realidade do grupo ou pessoas em observação; aqui, as pessoas ou o grupo participam da pesquisa, o grupo e as pessoas têm força; existe interação entre os pesquisadores e o grupo; os problemas observados pelos pesquisadores são descobertos em conjunto com o grupo; não se observa as pessoas, mas sim a situação social em que se encontram; a pesquisa-ação busca resolver os problemas observados e tem a intenção de aumentar o nível de conhecimento dos pesquisadores e de seus pesquisados. Assim como afirma Thiollent (2000, p. 14):

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Fica evidente que existe uma grande semelhança entre a Pesquisa Participante e a pesquisa-ação, pois as duas se caracterizam pela interação dos pesquisadores e as pessoas envolvidas nas investigações. Porém, a grande diferença que nos fará compreender e diferenciá-las melhor, é o caráter emancipatório da Pesquisa Participante. Logo a Pesquisa Ação de alguma forma supõe uma ação, de caráter social, educativo, técnico ou outro, a Pesquisa Participante tem como finalidade a emancipação das pessoas. Em outras palavras, a Pesquisa Ação pode ter um caráter emancipatório. Já a Pesquisa Participante só é escolhida previamente por quem se dispõe a lutar junto ao grupo excluído.

4 DESENVOLVENDO A METODOLOGIA COM A OFICINA PEDAGÓGICA E CAMPANHA DE COMUNICAÇÃO

Para a aplicação desta metodologia utilizou-se a oficina pedagógica como ferramenta principal na intenção de alcançar o objetivo do trabalho. Em ato posterior foi executado uma Campanha de Comunicação, no intuito de alcançar demais públicos.

A primeira ferramenta a ser descrita é a oficina pedagógica, ela busca maior participação dos ouvintes e elaboração de atividades que incentivem a criatividade e o trabalho em conjunto, tem como finalidade transmitir informação e conhecimento por meio de uma experiência mais aproximativa entre o detentor da informação e o receptor da mesma. Por meio da ação e da troca de ideias entre os dois pólos da interação que será construído o fluxo ideal para o aprendizado das temáticas discutidas, dinâmica que vai ao encontro dos tipos de pesquisa delimitados no tópico anterior.

Uma oficina é, pois, uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos. Nesse sentido, a metodologia da oficina muda o foco tradicional da aprendizagem (cognição), passando a incorporar a ação e a reflexão. Em outras palavras, numa oficina ocorrem apropriação, construção e produção de conhecimentos teóricos e práticos, de forma ativa e reflexiva. (PAVIANI; NIURA, 2009, p.78).



II Simpósio Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais Aplicadas

22 a 24 de novembro de 2017



Desta maneira, os condutores devem articular a parte teórica com a prática, como desenvolvido neste trabalho. O trabalho foi contextualizado teoricamente por meio do documentário *Desconstruindo* que trata sobre o racismo e sobre a representação do cabelo crespo nessa realidade. A parte prática deve ser conduzida de maneira democrática e que, se possível, os participantes trabalhem em grupos ou duplas, para que o contato entre os demais influencie cada participante a desenvolver suas concepções sobre o assunto. O momento prático desta ação contou com a separação dos alunos em grupos e foi solicitado que cada grupo elaborasse frases para que eles pudessem expressar o que foi transmitido a partir do documentário.

De maneira complementar, foi desenvolvida uma campanha de comunicação na intenção de divulgar o trabalho realizado na escola Albino Feijó Sanches e mostrar para as demais escolas estaduais de Londrina a importância de se falar e conscientizar os alunos e professores, instigando a discussão de assuntos relacionados ao racismo e preconceito em sala de aula em vista a diminuir a nocividade dessa realidade. A campanha contou com a distribuição de um folheto, com algumas fotos e frases dos dias das oficinas um texto que fala sobre questões à respeito da cultura afro descendente, preconceito e beleza negra dentro da escola. Além do folheto enviado fisicamente a todas as escolas estaduais de Londrina foi encaminhado também um DVD contendo o documentário *Desconstruindo*.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar o tema racismo, discriminação e preconceito no âmbito escolar significa trazer indagações no contexto de processos sociais, políticos e culturais mais amplos, que afetam as relações construídas nas instituições de ensino. Logo, este artigo objetivou interferir na realidade racista presente na sociedade, a fim de diminuir os preconceitos e estereótipos estéticos presentes nos diversos espaços e instituições do país, por meio de ferramentas encontradas no campo das comunicações e, principalmente, Relações Públicas. Para isso foi apresentado o contexto histórico do povo negro no Brasil e como que o racismo neste país surge e se prolifera se tornando uma grande ferramenta do sistema de produção, fazendo com que a competição econômica se torne mais branda para determinada população com características físicas de diferenciação.

Mais adiante se buscou definir termos que estivessem associados à prática social e engajada do profissional de relações públicas. Foram definidos, portanto, os termos: como comunicação comunitária e comunicação pública encerrando o capítulo com a associação destes termos com a prática responsável, contra hegemônica e em prol do cidadão a qual o profissional de Relações Públicas pode atuar. Assim sendo se pode afirmar que o profissional de Relações Públicas, está preparado para mudar seu local de convívio auxiliando no processo de cidadania.

O trabalho é desenvolvido apresentando a metodologia de intervenção junto à escola estadual de Londrina Albino Feijó Sanches. Para isso utilizou-se o documentário para o início do diálogo com os alunos sendo este a base para a oficina pedagógica. Os integrantes se comunicaram por meio das frases criadas em grupo onde expuseram suas percepções sobre o



II Simpósio Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais Aplicadas
22 a 24 de novembro de 2017



racismo e sobre o documentário apresentado.

Dentre os resultados alcançados tem-se a iniciativa dos alunos do ensino médio da escola Albino Feijó Sanches em desenvolver um documentário sobre a temática com base no Documentário ‘*Desconstruindo*’. Acreditamos que o documentário, por eles desenvolvidos, é um dos resultados mais substanciais que este trabalho alcançou, pois inspirou os alunos a fazer algo para a modificação da realidade em que vivem.

Outro resultado, reflexo da oficina ministrada, foram os relatos recebidos pelas Redes Sociais de alunas que se motivaram a aderirem ao cabelo crespo. Uma das mensagens dizia: “[...] acredite através desta palestra consegue abrir a nossa mente e mostrar que devemos ser como nós somos de verdade [...]”. Relatos como este elucidam a necessidade de se discutir o tema em ambientes como o da escola, além de confirmar que o objetivo proposto foi alcançado.

Após as oficinas o trabalho iniciou a segunda parte prática do trabalho que foi a campanha de comunicação, a qual tinha o objetivo de conscientizar os alunos e professores da rede pública estadual de Londrina, por meio da divulgação do trabalho realizado na escola Albino Feijó Sanches, na intenção de instigar a discussão de assuntos relacionados ao racismo e preconceito em sala de aula em vista a diminuir a nocividade dessa realidade.

Em conclusão pode-se afirmar que o objetivo proposto foi alcançado. O trabalho conseguiu interferir na realidade das instituições de ensino e conscientizar parte dos alunos e professores. Concluí-se também que a comunicação é um importante elemento democratizante e essencial no processo de conscientização da sociedade e, se articulada de maneira propositiva, é garantia de transformação social.

A partir deste trabalho, é possível notar que assuntos de interesse coletivo, como viver em uma sociedade igualitária, sem preconceitos, e indiferenças raciais, é um espaço para o Relações Públicas. As soluções para essas adversidades só serão efetivas por meio da compreensão da realidade no qual o indivíduo está inserido, e as áreas da comunicação podem e devem interferir nisto por meio da informação, auxiliando assim na formação de cidadãos críticos, livres e cientes do seu papel na sociedade.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). Pesquisa Participante. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- BRANDÃO, Elizabeth Pazito. Conceito de comunicação pública. In: DUARTE, Jorge. **Comunicação Pública**: Estado, mercado, sociedade e interesse público. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2007. p. 1-31
- BRANDÃO, Elizabeth. Comunicação pública: o cidadão, o Estado e o governo. In: SILVA, Luiz Martins da (Org.). **Comunicação pública**. Brasília: Casa das Musas, 2003.
- DUARTE, M. Y. Comunicação e cidadania In: DUARTE, Jorge (Org.). **Comunicação pública**: estado, mercado, sociedade e interesse público. São Paulo: Atlas, 2007.
- ESCUADERO, Regina. Comunicação Pública - a voz do cidadão na esfera pública: construindo um novo paradigma profissional. Curitiba: Appris, 2015.



II Simpósio Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais Aplicadas
22 a 24 de novembro de 2017



MONTEIRO, Graça França. A singularidade da comunicação pública. In: DUARTE, Jorge (Org.). Comunicação Pública: Estado, mercado, sociedade e interesse público. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2007. p. 34-45

PAVIANI, Neires Maria Soldatelli; NIURA, Maria Fontana. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. Caxias do Sul, v. 14, n. 2, p. 77-88, maio/ago. 2009. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/16/15>>. Acesso em: 24 out. 2016.

PERUZZO, Cícilia Maria Krohling. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados**. Reelaboraões no setor. Palavra Clave, Norteamérica, 11, jul. 2009. Disponível em: <<http://palabraclave.unisabana.edu.co/index.php/palabraclave/article/view/1503>>. Acesso em 13 de dez. 2016.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O que é Racismo**. 4. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 10 ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 2000.

VIEIRA, Roberto Fonseca Vieira. Relações públicas: opção pelo cidadão. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

